

O Destino Manifesto Português: resumo temático*

Sónia Margarida Pedro Sebastião

Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas – Universidade Técnica de Lisboa

Índice

Introdução	1
1 Metodologia	2
2 O Destino Manifesto Português	3
Considerações Finais	8
Bibliografia de Referência	8

Resumo

O presente artigo resume as principais orientações temáticas, metodológicas e conclusivas da tese de doutoramento desenvolvida sobre o ser português e as estruturas mitológicas dormentes e dominantes que configuram a nossa sociedade.

Assim sendo, é um estudo sobre a cultura portuguesa e as formas como se manifestou e manifesta ao longo da existência identitária de Portugal.

Palavras-Chave: Cultura Portuguesa, História de Portugal, comunicação, mito, imaginário, símbolo, ser português.

*Apresentação sistemática da Tese de Doutoramento em Ciências Sociais na especialidade de Ciências da Comunicação, defendida em Dezembro de 2008, no ISCSP-UTL.

Introdução

A sociologia do imaginário não é um campo específico da sociologia, mas sim um ponto de vista sobre o social que se interessa pela dimensão do imaginário nas actividades humanas. Por isso, é transversal à sociedade: à vida quotidiana, política, religiosa, científica, literária. A sociologia do imaginário é uma sociologia de profundezas, atenta às motivações profundas, às correntes dinâmicas que subjazem e animam as sociedades humanas.

A legitimação do imaginário em ciências humanas ocorre pela contribuição da História. Pois o imaginário presente nas artes e nas construções mentais colectivas e individuais, circula no devir histórico das sociedades, nas culturas e grupos sociais. O imaginário alimenta e leva o homem a agir, assumindo-se como um fenómeno colectivo, social e histórico. Uma sociologia sem imaginário é uma sociologia mutilada, descarnada [LEGROS, P. *et alia*, 2006:2]. Assim sendo, nenhuma actividade humana pode ser concebida sem o concurso do imaginário e do simbólico que se lhe associa.

Por outro lado, o imaginário é produto do pensamento mítico. Este é um pensamento concreto, baseado na analogia, exprimindo-se por imagens simbólicas organizadas de

forma dinâmica. O pensamento mítico determina as percepções do espaço e do tempo, as construções materiais e institucionais, as mitologias e as ideologias, os saberes e os comportamentos colectivos. Ao colocar as representações colectivas, as crenças no cerne da vida social, ao estudar os seus mecanismos, funções e efeitos, a sociologia do imaginário aproxima-se da psicologia social e da sociologia cognitiva [LEGROS, P. *et alia*,2006:2].

A interpretação do imaginário pressupõe a descoberta do latente sob o aparente. No entanto, esta interpretação decorrente da percepção imediata do dominante é insuficiente, pois a realidade tem igualmente uma dimensão “pregnante” [LEGROS, P. *et alia*,2006:87]. Como o imaginário estrutura em profundidade o entendimento humano é mais que um reflexo, mais que uma representação [LEGROS, P. *et alia*,2006:88].

A mitologia permite-nos evidenciar as estruturas imaginárias permanentes e inseparáveis que concorreram para a função religiosa do homem e sua *re-ligação* a um Outro absoluto. Desta forma, foram os mitos que presidiram à erecção de todo o saber, incluindo o científico. Por conseguinte, a análise do Mito do Destino Manifesto Português constitui uma mito-análise, isto é, a análise dos mitos de uma sociedade (a portuguesa) e a análise desta sociedade pelos seus mitos estruturantes latentes e dominantes, recorrendo para isso ao modelo mitológico de Durand.

Gilbert Durand refere que a sociedade se equilibra sobre dois mitos: um mito ascendente que se esgota na investigação científica, no racional; uma corrente mitológica que se alimenta da essência do *id*, do inconsciente social, ou seja, o nível fundador [DURAND, G.,1983:21]. Assim sendo, o

mito ascendente alimenta-se do instinto das combinações paretiano, enquanto o mito latente alimenta a força centrípeta dos resíduos da persistência.

Os elementos míticos são pré-fabricados numa lógica dormente para se concatenarem e manifestarem em estilos de vida, no vestir, no falar, nos hábitos, nos rituais, nos monumentos, nas ideologias. As imagens, as suas representações têm portanto uma história.

As culturas possuem uma matriz fundamental da qual deriva a sua ordem social, a sua justificação e objectivo existencial colectivo e individual. Quando esta estrutura de valores não é compreendida, ou é desvalorizada, quando ocorre um ataque às matrizes fundamentais, dá-se um dismantelamento do essencial. Consequentemente, sem finalidades míticas e materializadas, a cultura perde a sua capacidade mobilizadora, pois os ideais deixam de ser colectivos para integrarem o domínio individual ou pequeno-grupal. Ao perder as suas defesas internas, a cultura fica exposta à conquista, à invasão de uma contra-matriz supranacional de linguagens compreendidas por poucos.

Por isso, questionamos: que estruturas míticas configuram o “enigma” português? São estruturas míticas latentes ou manifestas? Como se manifestaram ao longo do devir histórico? Onde permanecem na actualidade? Como se relacionam com a dimensão religiosa e espiritual do ser português?

1 Metodologia

O estudo apresentado foi dificultado e limitado por diversos factores, onde destacamos: a subjectividade e delicadeza do tema; a distância temporal; a riqueza, diversidade e dis-

persão de fontes simbólicas que reflectem o imaginário português.

Por outro lado, deparamo-nos com fontes históricas forjadas, alteradas, refundidas e, algumas, originadas pela tradição oral e suas variações. E, ainda, tivemos de nos preparar para a controvérsia e desvalorização temática provocadas pela estrutura positivista dominante.

Para tal recorremos a uma abordagem multi-metodológica e multidisciplinar utilizando as epistemologias: estruturalista (Claude Lévy-Strauss); funcionalista (Talcott Parsons); sistémica (Easton) e simbólica (Carl Gustav Jung).

Utilizámos, ainda, a hermenêutica, o método genético (ou histórico) e a observação directa (celebrações, monumentos, lugares).

Foram autores de referência: Gilbert Durand (1963, 1969, 1982, 1983, 1993, 1997, 1998), Rainer Daehnhardt (1991, 1994, 1995, 2003, 2005) António Quadros (1957, 1967, 1978, 1982, 1992a, 1992b, 1992c, 1998, 2001), Jaime Cortesão (1960, 1965, 1973, 1978, 1993, 1995), Dalila Pereira da Costa (1971, 1977, 1978a, 1978b, 1984, 1986, 1990, 1993, 1996, 2004), Pinharanda Gomes (1969, 1970, 1972, 1974, 1975, 1979, 1981, 1991, 2000, 2001), Fernando Pessoa (1978, 1982, 1986), Manuel Gandra (2000, 2002, 2006), António José Saraiva (1969, 1975, 1984, 1993, 1995), Moisés Espírito Santo (1988, 1989, 1990, 1995, 2001, 2002), entre muitos outros.

2 O Destino Manifesto Português

Existe na vivência do ser português um conjunto estrutural latente que configura a sua permanência e assegura a sua independência enquanto nação de elementos culturais defi-

nidos, mutáveis e antagónicos. Entre a permanência e a mutabilidade destes elementos identificam-se mitos manifestos no nível actancial e latentes no inconsciente colectivo e mitos super-estruturais que se impõem à sua consciência de forma acutilante motivando-o à mudança e ao abraçar do progresso das sociedades ocidentais actuais.

O Destino Manifesto português é uma concepção de riqueza espiritual e cultural que radica as suas influências no Livro Bíblico de Daniel. Consequentemente e pela análise da vivência do ser português e do seu devir histórico, é possível agrupar as “dormentes matrizes” [BESSA, A. M.,1988] no mito do Destino Manifesto Português e as matrizes super-estruturais em mitos dominantes.

O estudo do Destino Manifesto português enquanto matriz mítica fundamental e agregadora, na qual se conciliam vários sub-mitos que contextualizam o “enigma português” [LEÃO, F. C.,1998], revela-se fundamental para a compreensão da identidade de uma nação *sui generis* cuja independência e individualidade se vão mantendo pelos séculos. Para muitos de forma inevitável, para outros de forma finita e condenada.

Na herança portuguesa, repertório sedutor para o Espírito, radica a determinação de reis e personagens heróicas que fundaram a nação no milagre, incentivando o seu séquito para feitos valorosos. Com um espírito esotérico marcado por influências proféticas, bernardinias, joaquimistas e cavaleirascas, cedo Portugal impregnou o seu colectivo da consciência de um Destino Manifesto definido por Deus, protegido pela Mãe e garantido pelos homens de honra e valentia.

O Mito Fundacional da nacionalidade portuguesa, Nação investida por Cristo, é as-

sociado ao “milagre de Ourique” onde se anuncia o Destino Manifesto Português, que acompanharia a identidade portuguesa ao longo dos séculos na sua permanente Demanda, numa missão ecuménica de dilatação da fé e do império com o intuito de fundar um Império Universal: o Quinto Império.

A concepção desta missão comprova a influência de várias correntes e ideais espirituais sobre a acção de D. Afonso Henriques e dos reis da primeira dinastia. Daí a necessidade de relacionar a fundação de Portugal, enquanto reino independente politicamente de Castela e espiritualmente (pelo menos em parte) de Roma, com os ideais de cavalaria, cruzadístico, joanino, bernardino e cisterciense, templário, joaquimista, franciscano e laico.

O Portugal que Deus quis e o homem sozinho nasceu na Idade Média cristianizada, mas com vontades pagãs ecuménicas que enformavam um projecto universal prosseguido pelos Templários e pelos Cavaleiros de Cristo. A demanda constante de uma terra prometida para lá do horizonte, para o encontro dos irmãos de fé – do Reino do Preste João - levou os portugueses a abandonarem o seu território, cujas fronteiras cedo estabeleceu.

Mas o número diminuto de homens para feito tão grandioso agravava-se com a sua partida para a Cruzada contra o infiel, na conquista e descoberta de novos mundos, na emigração para procurar no mundo um modelo que resgatará o país, pois o que está perto fica invisível ao seu olhar longo, precipitando a configuração de uma *Mátria*, de espiritualidade lunar, passiva e emotiva, em que mulheres trabalham a terra e asseguram o alimento dos que ficam.

Não obstante a sua importância, a “Mãe”

não chega para equilibrar a vivência portuguesa desequilibrada pela inexistência da componente espiritual solar, racional e masculina, tornando-se fundamental no “enigma português”, a espera por um Grande Monarca, Imperador de um Império Universal da Idade do Espírito Santo. O Desejado é um cavaleiro mundano que se purifica ao longo de uma Demanda onde cumpre a vontade divina para chegar à Ilha prometida, ao Oriente misterioso.

Contudo, enquanto o Destino português se cumpre no além-mar com conquistas e descobertas que davam novos mundos ao mundo, no território português inicia-se o período de decadência e desvirtualização da missão portuguesa no mundo.

Com D. Manuel I, a política de tolerância dos portugueses em relação a povos de outras crenças e culturas é abalada pela conversão e expulsão dos judeus, intensificada por D. João III que institucionaliza a Inquisição, castrando o espírito crítico, livre e abrangente que caracterizara o povo português e os seus líderes desde a fundação. Durante todo este período, as relações com Roma são difíceis e sofrem momentos de oscilação entre os favores, as excomunhões e interditos, o que evidencia as divergências da religiosidade portuguesa com a ortodoxia da Igreja. Não obstante e paralelamente, constroem-se monumentos religiosos eternizando na pedra a religiosidade e a fé dos portugueses.

É assim visível o recurso a métodos duradouros que permitem a conservação do equilíbrio social, a sociabilidade entre os homens e o reconhecimento do seu *status* e da sua religiosidade, assim como, a persistência dos ideais que animaram o Espírito português ao longo dos primeiros séculos da sua existência. Não obstante, em nome desta per-

sistência, foram cometidos erros associados ao “enigma português” que não permitiam a evolução da sociedade no sentido do acompanhamento das mentalidades e do desenvolvimento económico que se começava a verificar noutras nações europeias.

Portugal foi pioneiro nos mares, optimizou a ligação Ocidente-Oriente, apoderou-se de importantes rotas comerciais. Lisboa foi centro económico e intelectual e Sagres centro científico europeu, no entanto, os sistemas económico e produtivo portugueses pouco beneficiaram com as riquezas provenientes do além-mar. A transferência do capital da actividade mercantil não foi feita para a actividade agrícola nem industrial. Por outro lado, a burguesia autónoma era fraca, mantendo-se o ascendente social da nobreza, pouco culta e empreendedora, e do clero. Assim sendo, a burguesia é incapaz de se constituir como referência cultural, económica ou social [SERRÃO, J.,1978].

Portugal inicia a sua decadência económica e política, segundo Fernando Pessoa, com a Batalha de Alcácer Quibir e a morte do Rei D. Sebastião [PESSOA, F.,1982]. Contudo, a florescência consequente do sebastianismo, forma messiânica típica portuguesa, enaltece e enriquece o inconsciente colectivo português, mostrando a ténpera de um povo que encontra formas “mágicas” de esperança na liberdade e na felicidade para um povo destinado a grandes feitos que se encontravam por cumprir.

Paralelamente, às expressões de fé e crença no Grande Monarca que há-de vir, o povo mantém a sua religiosidade baixa, associada ao culto Mariano (variação do culto primevo da Deusa Mãe) e ao Culto do Divino Espírito Santo (última idade da humanidade na concepção joaquimista), delineando um

cristianismo próprio português, presente na vivência espiritual, literária e simbólica do reino.

Por isso, os símbolos portugueses estão impregnados desta religiosidade, de elementos naturais valorizados pelo franciscanismo e na obra das descobertas, de elementos científicos fundamentais à obra portuguesa e de representações próprias de um povo único que acreditou e procurou concretizar a profecia anunciada do Quinto Império, o Império do Espírito Santo, cujo Monarca seria português e guiaria espiritualmente a Humanidade na consecução da paz universal e da harmonia entre os povos.

Em Finisterra de olhar longínquo, o Quinto Império surge como uma construção mental cuja influência na acção permanece nublada pela descrença racional. Contudo, a Fé anuncia a um povo que será o líder de um Império de Paz universal, única nação de tolerância e discernimento sagrado para cumprir a profecia de Daniel (e Zacarias).

É precisamente na religiosidade baixa do povo que se encontram as mais genuínas manifestações devocionais e tradicionais da identidade portuguesa, representadas nos rituais seculares (com marcas da tradição pagã pré-cristã), onde se destacam as encenações mítico-simbólicas do Divino Espírito Santo, síntese da vivência espiritual portuguesa, que envolve na sua celebração as elites e o povo, a sociedade laica e religiosa; assim como, o culto Mariano fundamental na aproximação dos homens a Deus e ao seu mensageiro.

Conclui-se, portanto, que a história e a cultura portuguesas são marcadas pelas estruturas míticas fundamentais do Destino Manifesto (que inclui o mito cruzadístico e o mito do Quinto Império), pelo mito Ultra-

marino (ou Henriquino), pelo mito sebástico (ou do Grande Monarca, ou do Encoberto), pelo mito da sublimação da mulher (com o culto mariano a associar-se ao mito do Destino Manifesto e à supervivência do amor – Lenda de Pedro e Inês).

Estas matrizes encontram-se eternizadas nos rituais e nos símbolos nacionais. Impressas e gravadas na obra literária, na pintura e na arquitectura, heranças que não podem ser ignoradas ou desvalorizadas para a compreensão do “ser português”, da sua missão providencial e da sua existência, pois nelas se guarda a alma pátria, a sua essência fundamental.

Mas, este povo crente encontra-se aprisionado na modernidade material onde os mitos da decadência e do progresso são veiculados por novos poderes, pelos meios de comunicação, cujo conteúdo espiritual não possui as estruturas caracterizadoras e significativas dos tempos fundacionais e conquistadores, porque efémeras e associadas a modas que não se “imprimem” na mentalidade portuguesa. Não obstante, os mesmos são reforçados pelas derivações das afirmações, associadas aos factos experimentais, à persuasão e aos interesses económicos e políticos dominantes.

Os líderes capazes de interpretar os tempos e fazer “valorosa a fraca gente”, por sua vez, encontram-se enredados na “aranha do poder”, perdidos na Babilónia do poder material. Por outro lado e como refere Cunha Leão, a história de Portugal e o carácter do povo está liminarmente ligado ao passado, aos seus mitos e grandes líderes [LEÃO, F. C., 1998:202]. Estes deixaram a sua marca e recordação, servindo, por conseguinte, como base comparativa, apesar da evolução e mudança dos tempos.

Assim sendo, o passado e os seus heróis deixaram a marca inconsciente que, por vezes, adormece, mas que o povo não esquece, enquanto, os líderes da modernidade pouco valorosos para serem idolatrados como heróis, são esquecidos quando abandonam o ecrã televisivo, único meio que lhes dá visibilidade face à falta de reconhecimento da memória das gentes. Contudo, esta presença é fugaz, sofrendo a erosão do surgimento das derivações flexíveis e adaptáveis que a ofuscam.

Apesar da mudança acelerada e não obstante a sua importância na fundação e consolidação do “ser português”, as matrizes dormentes estão ensombradas pelos mitos dominantes da modernidade. A riqueza material ultrapassa a riqueza espiritual quando os espíritos enfraquecem seduzidos pelo conforto imediato e pela ilusão permanente. A imitação de modelos estrangeiros percebidos como “melhores” que o português permitiu a aceitação da cultura de outrem e a consequente “perda” (esquecimento) dos seus valores espirituais.

Ante esta constatação, e embora muitos países se encontrem limitados pela inexistência de infra-estruturas básicas à sobrevivência, começa a tornar-se difícil encontrar um cujo objectivo não seja transformar-se em sociedades de consumo num futuro próximo. Este desejo das diferentes sociedades poderá estar associado à imagem da realidade difundida pelos *media*, dado que estes estão a transformar a economia global e a criar redes de ligação entre as culturas de todo o mundo, vencendo o tempo e encurtando distâncias.

Graças ao desenvolvimento tecnológico são criadas novas oportunidades para a melhoria do nível de vida das populações, no que respeita à saúde, ao acesso à informação

e à educação, à transparência e concretização de objectivos governamentais e organizacionais. Em concertação, as vantagens identificáveis na actualidade e atribuídas às tecnologias têm contribuído para o desenvolvimento humano e para o aumento do nível de vida das populações.

Todavia, a crença na universalidade de um modelo cultural global é falsa e perigosa [HUNTINGTON, S.,1999:66-67]. Em primeiro lugar, pela recusa da democracia cosmopolita, enquanto sistema político face aos seus paradoxos; em segundo lugar, pela persistência dos nacionalismos; e, finalmente, pelo desejo de modernização e progresso económico de alguns povos sem a adopção do modelo ocidental. Falta a sensibilidade cultural, o reconhecimento dos valores e das atitudes, que determinam o sucesso e o fracasso da imposição de qualquer modelo pretensamente global.

Existe, portanto, um forte entrave à construção de um modelo global devido à especificidade de cada sociedade, assente na sua história e mentalidade. Estas, apesar de serem minadas pelo “vírus ocidental” difundido pelos *media*, acabam por encontrar nestes um veículo de perpetuação e armazenamento das suas memórias, histórias, marcas culturais particulares.

Verifica-se, portanto, a dualidade da persistência dos agregados e do instinto das combinações em luta permanente pela supremacia na sociedade portuguesa. Se, por um lado, temos um Portugal arcaico, de difícil governação, apegado à sua religiosidade; por outro temos uma geração racionalista, cosmopolita e urbana que “idolatra” o progresso tecnológico e a realidade aparente que o consumo mediático lhe impregna nos sentidos. Desta luta de forças centrífugas e centrípetas,

emocionais e racionais se faz a história de Portugal e se assegura a perenidade da existência da identidade deste povo, assim como, o seu equilíbrio social.

Por conseguinte, a afirmação da nacionalidade é a salvação de um modo de ser e existir. Cabe aos portugueses encontrar o caminho e assegurar a sua vivência como povo, como cultura, como ser. Acreditar na essência espiritual da Pátria, mas acima de tudo: conjugar vontades, disseminar o entusiasmo, promover o aperfeiçoamento individual e proporcionar a comunicação entre os espíritos, assim como, o seu entendimento. Afinal, o Destino Manifesto Português está dependente da comunidade de portugueses que somos: expansivos, heterodoxos, poetas-filósofos, sonhadores e aventureiros. Filhos de um mar sem fim, com uma missão imperial sebástica.

São as matrizes míticas que dão o impulso para o ultrapassar dos limites de cada um, das barreiras impostas pelo mundo ao ser individual. É por elas que o português se ultrapassa e é com o seu adormecimento que o português se torna decadente e esquece a sua missão providencial, “anunciada” por Cristo em Ourique a D. Afonso Henriques, fundador da nacionalidade. Reforçada pela história de Inês de Castro que permitiu a Portugal ganhar fé num destino do tamanho do mundo porque só o amor dá aos homens e às nações o sentido da liberdade e da aventura, mas foi com D. Sebastião que Portugal percebeu que o seu destino além de grande era também imortal, uma eterna criança. Por isso, a história deste povo não se conta pelos anos que viveram as suas figuras, mas pela intensidade com que essas figuras viveram a sua experiência.

Considerações Finais

Concluimos, portanto, que a ordem social, a justificação e o objectivo existencial colectivo e individual de Portugal derivam da matriz fundamental do Destino Manifesto Português. Neste é evidenciada a necessidade de equilíbrio entre o “espiritual” e o “racional”, assim como, o peso das 3 éticas (psíquico, espiritual e material) [LUPASCO, S.,1994].

Por outro lado, as estruturas latentes coexistem com mitos super-estruturais que, no entanto, não têm a perenidade das primeiras e se encontram dominadas pelo “império do efémero” [LIPOVETSKY, G.,1991].

Finalmente, importa salientar que a dimensão religiosa e espiritual é transversal à vida política, militar, social e cultural da existência portuguesa – o contrato celebrado com Deus (providencialismo). Consequentemente, o Destino de Portugal é “esperar” pois é essa a sua essência fundamental configurada pela religiosidade messiânica e da saudade – saudade do que foi e do que há-de vir.

Manter (ou recuperar) a capacidade de sermos autênticos, de vivermos o sagrado e o profano, o racional e o intuitivo, em equilíbrio, através das suas inúmeras formas e comunicarmos com o sentimento e a razão, revela-se essencial quando se constata que os progressos da humanidade nunca serão suficientes para sentirmos a plenitude, a completude de sermos humanos.

Bibliografia de Referência

BESSA, António Marques, (1988), As Dormentes Matrizes in AA. VV., *Cumprir Portugal*. Lisboa: Instituto Dom João de Castro.

CORTESÃO, Jaime (1960), *A política de sigilo nos descobrimentos*, Lisboa: Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique.

_____ (1973), *Factores Democráticos na Formação de Portugal*, 4ª Edição (1ª Edição: 1930), Lisboa: Livros Horizonte.

_____ (1978), *História dos descobrimentos portugueses*, 2 Volumes, Lisboa: Círculo de Leitores.

_____ (1993), *Influência dos Descobrimientos portugueses na história da civilização*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

_____ (1965), *O Humanismo Universalista dos Portugueses*, Lisboa: Portugalígia Editora.

_____ (1995), *Portugal a Terra e o Homem*, 3ª Edição (1ª Edição: 1966), Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

COSTA, Dalila L. Pereira da (1978a), *A Nau e o Graal*, Porto: Lello & Irmão Editores.

_____ (1977), *A Nova Atlântida*, Porto: Lello & Irmão Editores.

_____ (2004), *Contemplação dos Painéis*, Porto: Lello Editores.

_____ (1993), *Corografia sagrada: temas portugueses*, Porto: Lello & Irmão.

_____ (1984), *Da serpente à Imaculada*, Porto: Lello & Irmão Editores.

- _____ (1996), *Entre desengano e esperança: ensaios portugueses*, Porto: Lello.
- _____ (1986), *Místicos Portugueses do Século XVI*, Porto: Lello & Irmão Editores.
- _____ (1971), *O esoterismo de Fernando Pessoa*, Porto: Lello & Irmão Editores.
- _____ (1978b), *Orpheu, Portugal e o Homem do Futuro*, Porto: S.E.
- _____ (1990), *Raízes arcaicas da epopeia portuguesa e camoniana*, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- DAEHNHARDT, Rainer (1991), *A missão templária nos descobrimentos*, Lisboa: Nova Acrópole.
- _____ (2003), *Homens, Espadas e Tomates*, 4ª Edição (1ª Edição: 1997), Lisboa: Publicações Quipu.
- _____ (1995), *Páginas secretas da História de Portugal*, Volume I, 2ª Edição, Porto: Edições Nova Acrópole.
- _____ (1994), *Páginas secretas da História de Portugal*, Volume II, Porto: Edições Nova Acrópole.
- _____ (2005), *Portugal Cristianíssimo*, Corroios: Zéfiro.
- DURAND, Gilbert (1993), *A imaginação simbólica*, Lisboa: Edições 70.
- _____ (1998), *Campos do Imaginário*, Lisboa: Instituto Piaget.
- _____ (1997), *Imagens e reflexos do imaginário português*, Lisboa: Hugin.
- _____ (1983), *Mito e Sociedade. A mitológica análise e a Sociologia das profundezas*, S.l.e: A Regra do Jogo.
- _____ (1982), *Mito, Símbolo e Mitodologia*, Lisboa: Editorial Presença.
- _____ (1969), *Os grandes textos da Sociologia Moderna*, Lisboa: Edições 70.
- _____ (1963), *Les Structures Anthropologiques de L'Imaginaire. Introduction à l'archétypologie générales*, Paris: Presses Universitaires de France.
- GANDRA, Manuel J. (2002), *Cristofania de Ourique: mito e utopia*, Lisboa: Fundação Lusíada.
- _____ (2000), *O Império do Espírito Santo na região de Tomar e dos Templários*, Lisboa: Estar.
- _____ (2006), *O Projecto Templário e o Evangelho Português*, Lisboa: Ésquilo.
- GOMES, Pinharanda (1970), *Fenomenologia da Cultura Portuguesa*, Lisboa: Agência-Geral do Ultramar.
- _____ (1981), *História da Filosofia Portuguesa 1. A Filosofia Hebraico-Portuguesa*, Lisboa: Guimarães Editores.
- _____ (2000), *História da Filosofia Portuguesa 2. A Patrologia Lusitana*, Lisboa: Guimarães Editores.
- _____ (1991), *História da Filosofia Portuguesa 3. A Filosofia Árabe-Portuguesa*, Lisboa: Guimarães Editores.

- _____ (1969, 1972, 1975), *Pensamento Português*, 3 Volumes. Braga: Pax.
- _____ (1979), *Pensamento Português*, Volume 4, Lisboa: Edições do Templo.
- _____ (2001), *Meditações Lusíadas*, Lisboa: Fundação Lusíada, 2001.
- _____ (1974), *Teodiceia Portuguesa Contemporânea*, Lisboa: Livraria Sampedro Editora, 1974.
- HUNTINGTON, Samuel P. (1999), *O Choque das Civilizações e a Mudança na Ordem Mundial*, Lisboa: Gradiva.
- LEÃO, F. Cunha (1971), *Ensaio de Psicologia Portuguesa*, Lisboa: Guimarães Editores.
- _____ (1998), *O Enigma Português*, 4ª Edição (1ª Edição: 1960), Lisboa: Guimarães Editores.
- LIPOVETSKY, Gilles (1991), *L'Empire de l'éphémère*, Paris: Gallimard.
- LUPASCO, Stephane (1994), *O homem e as suas três éticas*, Lisboa: Instituto Piaget, 1994.
- PESSOA, Fernando (1978), *Da República (1910-1935)*, Lisboa: Ática.
- _____ (1986), *Portugal, Sebastianismo e Quinto Império*, Mem Martins: Publicações Europa-América.
- _____ (1982), *Textos de Intervenção Social e Cultural*, Mem Martins: Publicações Europa-América.
- QUADROS, António (1978), *A Arte de Continuar Português*, Lisboa: Edições do Templo.
- _____ (1992a), *Estruturas simbólicas do imaginário na literatura portuguesa*, Lisboa: Átrio.
- _____ (1992b), *Fernando Pessoa. Vida, Personalidade e Génio*, 2ª Edição (1ª Edição: 1984), Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- _____ (1982), *Introdução à Filosofia da História. Mito, História e Teoria da História no Pensamento Europeu e no Pensamento Português*, Lisboa: Editorial Verbo.
- _____ (1992c), *Memórias das Origens, Saudades do Futuro – valores, mitos, arquétipos, ideias*, Mem-Martins: Publicações Europa-América.
- _____ (1967), *O espírito da cultura portuguesa: ensaios*, Lisboa: Sociedade de Expansão e Cultura.
- _____ (2001), *Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista*, 2ª Edição (1ª Edição: 1982-1983), Lisboa: Guimarães Editores.
- _____ (1998), *Portugal: Razão e Mistério*, Volumes I e II. 2ª Edição (1ª Edição: 1988), Lisboa: Guimarães Editores.
- _____ (1957), *Problemática concreta da cultura portuguesa*, Lisboa: Centro de Estudos Político-Sociais.
- SANTO, Moisés Espírito (2002), *A religião na mudança. A Nova Era*, Lisboa: ISER/UNL.

- _____ (1990), *A religião popular portuguesa*, 2ª Edição (1ª Edição: 1984), Lisboa: Assírio e Alvim.
- _____ (1989), *Fontes Remotas da Cultura Portuguesa*, Lisboa: Assírio & Alvim.
- _____ (2001), *Origens do cristianismo português*, 3ª Edição (1ª Edição: 1993), Lisboa: Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões.
- _____ (1988), *Origens Orientais da Religião Popular Portuguesa*, Lisboa: Assírio & Alvim.
- _____ (1995), *Os mouros fatimidas e as Aparições de Fátima*, 4ª Edição. Lisboa: Instituto de Sociologia e Etnologia das Religiões da Universidade Nova de Lisboa.
- SARAIVA, António José (1984), *A Cultura em Portugal: teoria e história*, 2 Volumes, 2ª Edição (1ª Edição: 1983), Amadora: Bertrand.
- _____ (1969), *Inquisição e cristãos-novos*, Porto: Editorial Inova.
- _____ (1993), *O Crepúsculo da Idade Média em Portugal*, 3ª Edição (1ª Edição: 1990), Lisboa: Gradiva.
- _____ (1995), *Para a História da Cultura em Portugal*, 2 Volumes, 7ª Edição, Lisboa: Gradiva.
- _____; LOPES, Óscar (1975), *História da Literatura Portuguesa*, 8ª Edição, corrigida e actualizada, Porto: Porto Editora.
- SERRÃO, Joel (1978), *Das Razões Históricas dos Fracassos Industriais Portugueses*, Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.